Faculdade Municipal

Professor Franco Montoro

Atividade de SO

Leonardo Faria Araujo

Exercícios do material 1

Resenha do filme Piratas do Vale do Silício

O roteirista e diretor Martyn Burke pegou a batalha travada nas trincheiras dos microchips no alvorecer da revolução do computador e a transformou em uma tragédia geek extremamente divertida com a sensação estilística da verdadeira arte. Com alma e marinado em um esmalte de ironia, “Pirates of Silicon Valley” é uma reminiscência de “Barbarians at the Gate”, de Larry Gelbart, na maneira como eleva uma história de milionários rivais – neste caso, bilionários – mudando a perspectiva da sala de reuniões e nas mentes agitadas de seus protagonistas. O resultado é um estudo de personagem complexo e hipnotizante disfarçado de uma história de sucesso americana.

“Piratas” é sobre como a maior inovação tecnológica da segunda metade do século 20 foi alimentada por um punhado de nerds confirmados chamados Steve Jobs, Steve Wozniak, Bill Gates, Paul Allen e Steve Ballmer, jovens corajosos o suficiente para pensar que poderiam mudar o mundo e ingênuos o suficiente para acreditar que poderiam lidar com a riqueza e o poder insondáveis, e as consequências inevitáveis, uma vez que o fizessem.

Como Burke ilustra no filme, alguns foram melhores em lidar com isso do que outros.

O personagem central desta saga é Jobs (uma atuação intensa de Noah Wyle de “ER's”), que como cofundador da Apple Computer passou de um excêntrico espiritual, viciado em drogas, com uma namorada hippie a um megalomaníaco, implacável, bullynador e manipulador paranoico.

Como mostrado aqui, Jobs ficou tão envolvido com seu sucesso e sua imprensa que sua moralidade foi a primeira vítima da guerra do computador – mesmo quando ele se convenceu de que sua ética da contracultura permaneceu intacta.

O parceiro barbudo de Jobs e cofundador da Apple, Wozniak (grande trabalho de Joey Slotnick) atua como narrador em grande parte de “Piratas”. A impressão predominante é que o gentil e quieto Wozniak foi capaz de manter a cabeça calma enquanto Jobs estava ocupado perdendo a sua. Wozniak nunca foi o cara dos grandes negócios que Jobs foi – ele nunca teve as aspirações e não foi talhado para a indústria implacável que estava para surgir.

Depois, há o trunfo neste baralho, um pequeno geek despretensioso chamado Gates, que agora vale mais do que Deus e Rupert Murdoch juntos.

Em “Pirates”, Gates é interpretado com moderação despretensiosa por Anthony Michael Hall. Hall, o nerd do “Breakfast Club”, está mais do que à altura da tarefa aqui, já que a história coloca Gates como uma espécie de periférico obcecado na explosão do computador doméstico que entrou pela porta da frente (junto com os parceiros Allen e Ballmer) enquanto ninguém olhava.

Tale se desenrola cronologicamente começando no início dos anos 1970, com Jobs e Wozniak se encontrando na Hewlett-Packard, e conduz a revolução dos discos, chips e switches através da introdução do Macintosh pela Apple em 1984. Jobs e Wozniak são apenas alguns protetores de bolso. Carregando tipos que brincam com aparelhos para fora de sua garagem quando de repente atraem a atenção do inimigo jurado: a IBM.

No entanto, os ternos corporativos não tinham a visão dos jovens nerds motivados, mesmo que nenhum deles fosse muito para as graças sociais. Gates, depois de esbarrar em uma jovem atraente enquanto patinava no gelo: “Você deve ter uma largura de banda muito boa”.

OK, então esse provavelmente foi um desses elementos “criados para fins dramáticos”. Mesmo assim, “Piratas” carrega a essência da base factual, se não a verdade absoluta. E é um chute completo assistir com uma visão retrospectiva tão vertiginosa como um especialista em negócios após o outro comete erros de bilhões de dólares ao subestimar esses homens e suas invenções malucas.

Bem, não inteiramente deles. Uma faceta reveladora da encenação animada de Burke é a noção de que a maior parte do que a Apple e a Microsoft foram pioneiras foi retirada de outras fontes ou roubada – como o mouse (inventado pela Xerox). Como você acha que o cara que vendeu seu sistema operacional para Allen por US$ 50.000 – aquele que se tornaria o DOS – se sente hoje?

Jobs: “Bons artistas copiam. Grandes artistas roubam.”

É impossível sair do filme sentindo outra coisa além de desprezo e pena por Jobs, que aqui se diz ter se tornado o malvado saqueador corporativo que tanto abominava em sua juventude idealista.

Burke estabelece um certo ímpeto logo no início e mantém o ritmo alegremente ao longo do filme, depois constrói um clímax gloriosamente irônico: a reunião de 1997 na qual Jobs apresenta Gates como um novo parceiro financeiro na recuperação da Apple, enquanto Gates olha para baixo como um Big Brother. de uma enorme tela de vídeo. É o final perfeito para o que se destaca como uma peça brilhante de cinema.